

FICÇÃO E REALIDADE EM FLORBELA ESPANCA

Ana Maria Domingues de Oliveira (UNICAMP)

O quarto volume das obras completas de Florbela Espanca (Lisboa, Dom Quixote, 1985) traz os contos de As máscaras do destino e o seu Diário do último ano, ambos já publicados recentemente pela Livraria Bertrand.

Esta coleção, no entanto, surge como um esforço no sentido de estabelecer definitivamente a obra completa da Autora, seja pela fixação do número mais abrangente de seus escritos (o que implica uma pesquisa minuciosa nos arquivos de periódicos e nos manuscritos do espólio, bem como a comparação e seleção de versões diferentes de um mesmo texto), seja pela adequação dos textos ao padrão ortográfico vigente em Portugal, neste momento.

O resultado é fruto do trabalho conjunto de Rui Guedes e de Maria Teresa Moya Praça, aquele responsável pela recolha, leitura e notas dos textos, e esta pela atualização da grafia e revisão da pontuação. Os critérios utilizados num e noutra trabalho estão explicitados no início e no final do volume.

A edição é cuidada, com fotos de Florbela e de Apeles (irmão da Autora) e fac-símiles de manuscritos. Rui Guedes, em suas notas, transcreve ainda alguns trechos de cartas da Poetisa, em que aparecer referências a suas publicações e criações.

A revisora do texto, Maria Teresa Moya Praça, esclarece ponto a ponto as interferências feitas nos textos originais. Assim, não se pode questionar o valor documental desta edição, especialmente no momento em que, pela lei dos direitos autorais, a obra de Florbela passa a domínio público - e, portanto, passa a estar sujeita a variações nem sempre justificáveis.

Quanto aos textos de Florbela, não há mais o que dizer (talvez por estar tudo por dizer): seus contos e seu diário estão repletos de morte, de mistério, de melancolia, de amores sofridos. Curiosa, esta edição: reúne num mesmo volume a ficção e o relato autobiográfico da Autora. Gratuito? Pode ser. Mas, se lidos com atenção, os contos são também autobiográficos... Do mesmo modo, o diário me parece, sob certo ângulo, ficcional. Na elaboração fantasiosa e literária de sua dor, Florbela parece narrar vida e ficção num mesmo tom. Com ouvidos aguçados, percebe-se o passar contínuo de um mesmo sofrimento, de um mesmo ritmo: na iminência constante de sucumbir ao peso de sua angústia, Florbela cria ficção e "cria" realidade. Personagem

de si resta, vai tecendo a trama de suas dores como traça a trajetória do aviador, do inventor, de Manuel Garcia, de Sórora Maria da Pureza.

E é em "O aviador" que este entrelaçamento se mostra mais explícito. Na história do piloto que cai, com seu avião, nas águas do rio e é objeto da admiração e do espanto de sereias, ondinas e nereidas, está evidente o processo de tornar ficção a morte de Apeles. Talvez seja este o remédio encontrado por Florbela para diminuir as dores que sentia pela morte do irmão, também aviador, morto na queda de seu aparelho nas águas.

Transpor o factual para o mundo ficcional não seria, de certa forma, negar sua realidade? Se, ao abrir o volume de contos, o leitor se depara com epígrafe e dedicatória referentes à morte de Apeles (e que afirmam este acontecimento), no conto que segue a elas vai encontrar um processo de tornar ficção esta verdade terrível demais para ser aceita pela Autora.

Cativante pela sua obra, Florbela é também uma figura fascinante. Sua biografia e sua produção compartilham um resso público encantado, que se debruça indistintamente sobre ambas.

Não há gestos novos nem palavras novas: os gestos e palavras de sua ficção são os restos de sua existência agustada.